

GALERIA REPUBLICANA

Editor e proprietario — JOAO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — **Collaboradores:** Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Alves da Veiga, Antonio Furtado, Anselmo Xavier, B. Machado, Bernardino Pinheiro, Costa Goodolphim, Gomes Leal, G. Benevides, José J. Nunes, J. M. Latino Coelho, Reis Damaso, Roberto Valença, Rodrigues de Freitas, Silva Graça, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel, etc., etc., etc.

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 15

Agosto — 1882

1.º anno

José Garibaldi

É-nos difficil exprimir, com precisão, todo o entusiasmo e toda a profunda veneração que sentimos pela memoria de José Garibaldi, o maior vulto da grandiosa epopéa italiana, e cujo passamento pranteia a grande familia democratica; assim como difficilimo é restringir as acanhadas proporções de um artigo jornalístico as variadas manifestações da sua energia sem limites, da sua coragem e do seu entranhado e nunca mentido amor á humanidade.

Nessa pleiade de gigantes, que se estendem de Promotheu até Jesus e de Jesus aos nossos dias, o vulto de Garibaldi realça como um dos pontos culminantes da série e como que representa a resultante psychologica de Washington, a devoção civica, e de Lafayette, o cosmopolita!

José Garibaldi não foi simplesmente um guerreiro de fama ou um agitador irreflectido, mas um patriota distincto, tribuno ardente da revolução e o humanitario sem macula. Nos transeos angustiosos da sua vida aventureira jámais a menor sombra de odio a denegrir-lhe o rosto! Uma vez vencedor, a sua clemencia era inexcedivel: — poupava a vida aos que lhe desejavam a morte.

A bella Italia, o risonho paiz das flôres e da melodia, reflecte ainda os seus negros crepes nas limpidas aguas do Adriatico, cujas ondas representaram por vezes os entusiasticos vivas de um povo, cioso da sua independencia, e que Garibaldi, o intrepido marinheiro, soube pela energia da sua palavra e acção transformar em um punhado de heroes que mereceram a admiração, o entusiasmo e as sympathias do universo.

Como o grito angustioso da patria de Cavour, de La Marmora, de Ratazzi e de Mazzini, eccoa lugubre e penetrante como a lamina de um punhal em todo o coração generoso e entusiasta, que saiba comprehender o sacrosanto amor da pa-

liberaes, que agitam as sociedades modernas. O sentimento egoista deixara de influir n'elle, para que o seu coração só pulsasse do interesse altruista.

Italiano por nascimento, Garibaldi foi cosmopolita por natureza, e onde quer que a presença de um despota ou de um intruso reclamasse o seu braço valente, a sua energia sem limites, a sua inquebrantavel coragem, ahí estava a sacrificar-se intimerato e irreflectido na grandiosa luta pela humanidade.

Fabricio e Castro ligando á posteridade a admiravel lenda de devoção civica e de acrisolado amor patrio, sacrificando os filhos nas aras do dever, crearam um discipulo que os soube comprehender em toda a sublimidade do seu heroismo e que os excedeu — Garibaldi foi mais avante: — Amar a patria era sentimento somenos para o seu peito gigante; havia n'elle espaço para todos os sentimentos generosos e amou portanto a liberdade onde quer que ella periclitasse. Onde não podia comparecer enviava os filhos.

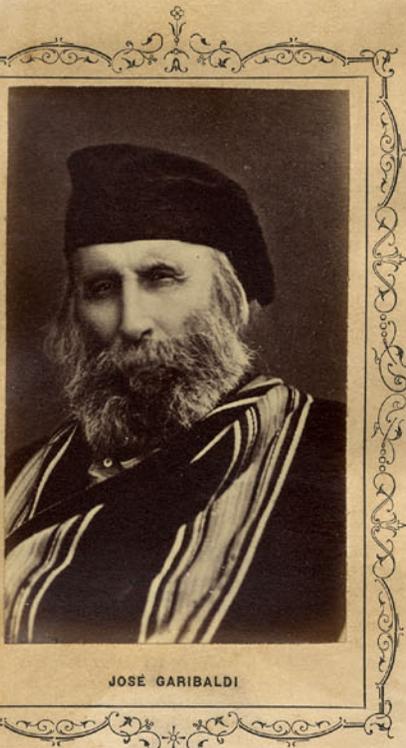
«Não posso ir, dizia o velho general das titanicas lutas aos novos capitães; mas vae meu filho. Eduquei-o na escola da adversidade, do amor da humanidade, da liberdade do pensamento; vivifica-lhe as crencas e elle vos agradecerá, como desde já vos agradeço. Não o poupei, eu vol-o offereço.»

Garibaldi, possuia além d'isso a virtude da prudencia, virtude rara ou quasi desconhecida dos homens de genio e habitados ao mundo. Uma vez provocado violentamente no parlamento ita-

tria e o grande dever da solidariedade do homem?

E que Garibaldi foi a encarnação, o exemplo constante, a forma mais frisanete por que a revestiram os principios

liano por Cavour, a quem as suas interrupções desorientara, o intrepido militar respondeu com a maior placidez aos que se associavam ao seu terrivel desforço: — «A Italia precisa de nós.»



JOSE GARIBALDI

Jose Garibaldi nasceu em Nice a 4 de julho de 1807. Veio ao mundo no meio de uma horrivel tempestade. Sua mãe, confiada na serenidade do tempo, percorria o Mediterraneo em um pequeno barco. Repentinamente estala a borrasca e o fragil baixel atraca ao porto, apoz eminente risco, com um pequeno ser a mais. A agitação das vagas apressava-lhe o nascimento.

De pequeno, Garibaldi denunciara tendencias para a vida do mar, o que devers contrariou seu pae, velho marítimo, que o destinava para padre ou advogado. Fez a sua primeira viagem em um navio mercante, que partia para Odessa, e em breve veio a ser um dos mais intrepidos marinheiros que sulcavam as aguas do Mediterraneo.

Conhecedor da historia da Italia e vendo o seu paiz mutilado pela Austria, comprehendeu que lhe cumpria trabalhar pela sua resurreição. Compromettido no movimento insurreccionario de *Saint-Julien*, tem de refugiar-se em Marselha, onde, para viver, leccionou por algum tempo as mathematicas.

Por occasião da immediata tentativa de sublevação, iniciada por Mazzini, Garibaldi regressou a Italia, e, indicado já pela opinião publica como um dos chefes do partido republicano, organizou nas *Montanhas Negras* a celebre guerrilha de voluntarios, que tantos estragos produziu no exercito austriaco.

Tão vigorosa e potente foi essa luta de montanhas e florestas, que Garibaldi assumiu aos olhos dos italianos as proporções de um ente privilegiado, quasi sobre natural. Dotado de uma actividade e audacia espantosas, conseguiu, pela pericia, nunca ser aprisionado. Não podendo por muito tempo sustentar-se n'esta posição difficil, emigrou novamente para Marselha, onde se engajou ao serviço do bey de Tunis, seguindo d'alhi para a America.

O Rio Grande acabava de separar-se do Brazil e de constituir-se uma republica independente. Garibaldi poz-se ao serviço da republica, prestando feitos de incrivel audacia e zombando sempre do inimigo. Foi no meio d'essas aventuras que elle encontrou a sua querida Annita, de quem se apaixonou, merecendo-lhe igual afeição.

Passando ao serviço do Uruguay, entrou em luta renhida com Buenos Ayres, sendo batido em Gaga e vingando-se em Monte Cerro e Tres-Cruzes.

Conhecedor dos acontecimentos de 1848, Garibaldi abandonou Montevideo e desembarcou em Italia, no mez de junho do mesmo anno, acompanhado de Annita e de um grupo de proscriptos. Mazzini saudou-o então como *Libertador da Patria* e declara-se soldado da sua legião.

Proclamado general em Milão, Garibaldi rechaça os austriacos no Tyrol; mas Radetzki força Carlos Alberto a capitular.

Exasperado por outros revezes, entrincheira-se com os seus bravos em Osippo

e resiste por uns vinte e um dias. Perseguido pela fome, atravessa as linhas inimigas com um punhado de homens, alcança Arouca, apodera-se dos botes de dois vapores austriacos e consegue refugiar-se na Suissa.

Eleito representante ao parlamento em 1849, Garibaldi dirige-se a Roma com dois mil voluntarios, e por proposta sua a republica romana é proclamada em 6 de fevereiro do mesmo anno.

Os austriacos, os hespanhoes, os napolitanos e os francezes cercam então Roma. Garibaldi resiste por 30 dias, findos os quaes força as linhas inimigas com quatro mil homens e quatrocentos cavallos. Bate as tropas de Oudinot em Lodi e debanda os austriacos em Fuligno.

Perseguido em toda a Italia, tendo a cabeça posta o prego, Garibaldi refugia-se na America, tendo a infelicidade de ter perdido a sua companheira.

Ha então um interregno na vida do aventureiro. Garibaldi faz-se negociante e industrial. Vem-o, ora fabricante de velas em New-York; ora negociante na China. N'uma das suas viagens á Europa compra a herdade de Caprera, onde mais tarde fixa a sua residencia.

Quando Victor Manuel arvora o estandarte da independencia, Garibaldi apresenta-se ao serviço e põe a sua espada republicana á disposição da causa da unidade italiana.

Começa então uma campanha, que só elle fôra capaz de executar. Torna-se vencedor em Lugano e Bellinzona, invade Varese e bate o general Urban em Malnote. Liberta em seguida Côme, Bergamo e Brescia, e a paz de Villa franca põe termo a esses triumphos. Protesta contra a cessão de Nice, e Saboia á França, e organisa a expedição da Sicilia.

Esta expedição, que tem por remate a conquista do reino das duas Sicilias, foi um prodigio de valor e de ousadia.

Garibaldi reúne os seus voluntarios, mil e duzentos homens, apodera-se dos navios inimigos e nelles embarca em Genova. Desembarca em Mar-sala, não obstante os cruzeiros napolitanos, e sujeita Catalafini, Trapani, Syracusa, Messina e Palermo. Passa o estreito e apodera-se de Napoles, sem resistencia; caminha para o sul e faz votar em plebiscito a annexação do reino de Sardenha, o que torna Victor Manuel rei da Italia.

Quando Victor Manuel encontrou Garibaldi no monte *Croce*, estendeu-lhe a mão, dizendo:

«Garibaldi! devo-te o meu reino, escolhe a tua parte.»

«Sir! respondeu o soldado, apertando a mão ao rei, fiz o meu dever.»

E eis a razão porque um homem que poderia ter instituido um principado, e em cujo peito poderiam ter brilhado as insignias da *Jarreteira* do *Tosão de Ouro* ou da *Anunciada*, nunca possuiu mais que a sua Caprera, comprada com o suor do seu trabalho!

Costumo Garibaldi não descançava: — quer que Roma pertença á Italia. Duas vezes tenta a empresa, e duas vezes é batido. Em *Aspromonte* fica sabendo o que vale um reconhecimento de um rei;

em *Mentana* é fuzilado pelos champots de Faily!

O seu coração, porém, é generoso, e esquece as afrontas para correr em auxilio da França agonisante.

Aos 7 de outubro de 1870 desembarca em Marselha, a 9 chega a Tour, e em companhia de seus dois filhos e de alguns proscriptos, bate os prussianos em Vesoul, em Dijon, em Hauteville, em Ain e em Plombiers.

A maioria da Assembléa nacional responde mal á sua dedicação, e a voz de Victor Hugo, e parte da humanidade é abafada entre declamações de um egoismo recalcitrante. Mas nem por isso Garibaldi, quiz nunca mal á França e esta manifestou sempre pelo valente caudillo indevocacas provas de afeição. Os grandes espiritos são alheios ás ruims paixões.

Jose Garibaldi acaba de fallecer em Caprera aos 2 de junho do corrente anno, no meio da consternação geral, e o seu tumulo serviu de altar á união de dois povos de raça latina, desavindos momentaneamente por mesquinhas intrigas. A França e a Italia deram-se as mãos por cima d'elle.

Um só facto ha de dissonancia n'essa manifestação quasi universal de dôr pela morte do eminente caudillo da unificação italiana, e do livre pensador indomito, do benemerito, que pelo seu acrisolado amor á humanidade se devia reputar como cidadão de todas as nações que se dizem cultas, e este facto prende-se infelizmente, com a idea da nossa nacionalidade: — A camara dos deputados portuguezes recusou-se a lançar nas suas actas um voto de sentimento pela morte de Garibaldi, rejeitando a proposta que lhe fôra dirigida neste sentido pelo sr. José Elias Garcia, deputado republicano!

E no throno portuguez senta-se a filha de Victor Manuel, o rei que declarara dever o seu reino ao homem cuja memoria pretenderam desrespeitar!

A nação, porém, se incumbiu de corrigir o gravissimo erro; e quasi todas as associações portuguezas protestaram a sua profunda dôr pelo passamento do apostolo do povo e da democracia.

Mas se Garibaldi é morto, physicamente fallando, a sua memoria viverá eternamente na tradiçião dos povos, acalentada pelos sentimentos da mais profunda admiração e sympathy. Porventura d'ella se servirão para a realisação d'esse bello ideal, do qual em vida foi um dos mais devotados campeões; porventura... quem sabe?! talvez Carlos Hugues fosse propheta, quando na reunião franco-italiano do Circo de Inverno de Paris, em homenagem a sua memoria, terminava a primorosa poesia dedicada á unidade italiana, pela seguinte estrophe:

«Et, qui sat? 2 grâces à lui peut être,
•Des peuples entiers s'uniront,
•Delivres des dogmes du prêtre,
•Evadis de l'antique affront,
•Et, tandis qu'aux mers de l'histoire
•L'enfance épellera sa gloire,
•Que symbolise un myrte vert,
•La république universelle
•Jaillira, vivante étincelle,
•Des trous du suaire entr'ouvert!»

As bibliothecas populares

Para o cabal desenvolvimento da instrução, como todos desejamos, necessitam-se de empregar muitos meios para que todos, reunidos, completem este grande edificio.

Depois da *crèche*, do jardim da infancia, da escola primaria e escola profissional é necessario erguer-se a bibliotheca popular, que é por assim dizer o complemento e continuação d'este grande plano de regeneração social.

Mas o que é a bibliotheca popular? Como se ha de organizar? Quaes os meios para a erguer?

A idéa d'estas instituições é reconhecida ha muito, mas tudo que se tem feito até hoje e se continuará ainda a fazer é inutil, por que falta uma base, falta o principal elemento.

Uma portaria creou uma vez as bibliothecas populares, e todos se enthusiasmaram com a idéa e a applaudiram.

O governo deu auctorisação para algumas associações populares se fornecerem de livros, que estavam á sua disposição na bibliotheca nacional.

Entre outras associações aproveitaram-se d'esta offerta o Centro Promotor, o Gremio Popular e a Civilisação Popular.

Foi o auctor d'estas linhas quem por uns poucos de dias esteve na bibliotheca, escolhendo os livros para o Centro Promotor e mais tarde tambem quem organizou as bibliothecas do Gremio e Civilisação.

Porém que livros se nos apresentaram? obras de historia tronçadas, sermões, escriptos que eram, permittia-se-me a phrase, os farrapos das livrarias dos conventos. Podia isto servir para uma bibliotheca de operarios? De certo que não.

A idéa caminha hoje do mesmo modo; a iniciativa particular procura realizar particularmente este beneficio; recorre a todos que tem livros e pede o obulo para este bodo permanente.

Mas é certo que as fontes esgotam-se e nem mesmo se podem fornecer os livros que são uteis para preencher tão elevado fim educativo.

Para remediar este mal é necessario consignar-se no orçamento do Estado uma verba exclusivamente applicada á compra de livros para as bibliothecas populares, que são uma leitura especial, e que até hão de ser adoptados conforme as localidades, isto é, aos individuos a que se destinam.

E d'aqui ainda resultará uma outra vantagem, como bem o nota o eminente escriptor Julio Sreghfried, pois que a compra certa de livros uteis para as classes trabalhadoras, fará com que muitos escriptores dediquem a sua actividade intellectual a assumptos economicos, industriaes e agricolas, pois que tem a certeza da venda de uma porção das suas obras, o que não succede hoje, e por isso qualquer membro da classe operaria se quer estudar qualquer assumpto, difficilmente encontra uma obra em portuguez que lhe satisfaga os seus desejos.

Gastando-se tanto dinheiro inutil, parece-me que o povo tem direito a exigir que do fructo do seu suor, seja applicado uma parte para a sua instrução.

Estámos certos que por em quanto tudo isto é clamar n'um deserto, mas vamos em fim consignando as nossas idéas.

COSTA GOODOLPHIM.

A BONDADE DE DEUS

I

Vós, que crêdes nos castigos d'um inferno que eu não temo, e amais um *ente supremo* que aos tristes sempre sorri, se podeis ver um herage, sem commetter um peccado, achegao-vos pra meu lado e estas estrophes ouvi:

II

Era no campo. Rompia a aurora em vasto horizonte. Eu fallava, junto á fonte, c'os rosas (*) que tanto amei! Eram tres. E que perfumes exhalavam as formosas! Nas suas folhas mimosas que doce enlevo encontrei!

Das tres a mais pequenina, se a meiga brisa a beijava, toda a pureza ostentava, todo o seu brilho e candor! Pensativa, a mais vistosa, não ria as auras faustivas, nem das visinhas balzeiras ouvia o termo cantor!

Selizia como as daas imitava-as na belleza. era d'igual singelleza, d'aquelle trindade o fim! Ai! quantas e quantas horas a vi derramando pranto! Mas achava-lhe encanto, gostava de a ver assim!...

III

Com ellas, eu, jubiloso, fallava ha muitos instantes, contando coisas galantes, para a affeição lhes prender quando, ao tentar recordar-lhe, dos vendavaes os furores, as vi perderem as côres em que transla o prazer!

IV

E eu tinha de abandonar-as ao seu tormento profundo, quando fosse a correr mundo, quando lhes dissesse adeus!

V

Parti mais tarde. E deixando-as c'opostas ás tempestades, levei as vivas saudades, dos ternos sorrisos seus!

VI

Um dia voltei do novo á chonpana em que nascera! As flôres que estremeceira foi meu primeiro pensar! Corro á fonte onde eu outr'ora com ellas tanto sorriera! onde eu fizera da lyra as brandas cordas vibrar!

VII

Porém, que funda tristeza n'aquelle campos havia! nem na balzeira se ouvia os cantos do rouxinol! as arv'es seccas, sem folhas! os zéphiros não brincavam! e as limphas não murmuravam contentes, á luz do sol!

(*) Tres formosas creangas, das quaes só uma existe, são as tres rosas a que hoje consagro as minhas imperfeitas estrophes.

VIII

Mas porque toda a natura com lai luto se ornára?... Das rosas que ali deixára uma só tornei a ver! Tormenta terrivel viera! rugira um vento mais forte! e ellas, ao sopro da morte, sentiram-se emmurchecer!

IX

Uma só, a mais pequena, á procela ainda resiste! ora parece estar triste, ora tem sonhos de amor! E que as sandalés profundas pelas irmãs que morreram de todo não fenececam n'aquelle mimosa flôr!

X

Vós, que crêdes nos castigos d'um inferno que eu não temo, e amais um *ente supremo* que aos tristes sempre sorri, diz-me porque foi que elle consentiu que as pobres flôres soubessem o que são dôres! murchassem tão cedo ali!

Faltaram as innocentes do rosso deus ao respeito? qual o mal que tinham feito? quaes os grandes crimes seus? hi tendes porque a descrença impera e tanto progride; porque ha quem muito divide dos bons instinctos de Deus!

REKARÉDO.

A morte de Garibaldi

Os jornaes noticiaram que morreu Garibaldi; que em demonstração de pesar pela morte do illuminado revolucionario, a camara dos senhores deputados do reino de Italia, e o respectivo senado, ouviram, de pé, o elogio do grande cidadão, que se finára; que o ministerio do rei Humberto propozera em seguida — o addiamento da sua festa nacional, para que a nação pudesse vestir os crepes de luto; e a celebração de funeraes pela morte do valente general, á custa do estado; e a concessão de uma pensão á familia do mais que libertador da Italia, de um dos libertadores da grande familia humana; que depois de tudo isto se votára mais que as camaras suspendessem os seus trabalhos até ao dia 12 do corrente mez.

Mais noticiam os jornaes, que a camara franceza approvou uma proposta de sentimento pela morte de Garibaldi, suspendendo as suas sessões.

Baseava-se esta proposta, em que o inclyto general, caçado de sofrimentos physicos, deixára o repouso da sua Caprera, para ir animar em terras francezas, com os seus voluntarios, a salvação da França que uns protervos honapartistas iam entregando ao allemão.

Tambem se annuncia que outros parlamentares do mundo civilizado, darão a sua demonstração de sentimento pela morte de tão illustre patrono da liberdade.

E em quanto isto se annuncia, leio nos ditos jornaes que recebi, que o sr. deputado José Elias Garcia propoz no parlamento portuguez um voto de sentimento pela perda do homem que todos os liberaes respeitam; e que, em seguida, o sr. deputado Luciano Cordeiro propoz o addiamento d'esta proposta.

Tambem li n'um artigo do nosso hon-

rado amigo e illustrado sr. Theophilo Braga, a sua admiração por vêr um Luciano Cordeiro a morder na liberdade que elle tanto adorara outr'ora, e por consequencia, nas botas do illustre morto; assim como li a sua admiração pelas rajadas rethoricas do nosso decantado Simões Raposo no congresso pedagogico de Madrid.

Eu creio que esta admiração do illustre professor e sabio, leva apenas um fim: condemnar a feia acção dos typos; os typos, porém, regosijam-se com a admiração; por que ella os eleva no conceito d'aquelles a quem foram protestar preito e homenagem, em paga da qual já o primeiro recebeu um premio, valioso de dois syndicatos em que se metteu; recebendo o segundo a carta de inspector da instrução primaria do primeiro districto do paiz, com a condição de nunca mais fazer discursos republicanos, furibundos, como eu lh'os ouvi, nem escrever sonetos desbragados contra os padres e o rei, a quem elle hoje adora, sonetos que eu ainda guardo como reliquias d'esses politicos que vi andar ás cabeçadas, e que hoje dominam assembléas, provando a sua admiração que baixámos ás épocas nefastas por que já passou o velho e desventurado Portugal.

Eu nada valho; mas tambem quero contribuir um pouco com as muitas censuras para a elevação d'essa gente que se vende por qualquer coisa, e que tem por lema a *diplomacia do senso real das coisas*...

A phrase é do senhor Luciano Cordeiro.

A *diplomacia do senso real das coisas*, aconselhava-lhe, em épocas que não vão muito longe, a ser democrata exaltado, democracia que a sua diplomacia d'então o obrigaria a juntar-se aos republicanos. Elle combatu desesperadamente a regeneração, aproximando-se muito dos progressistas, antes de sonhar que o sr. conde de Valbom lhe poderia trazer a pasta das finanças, onde o nosso dito Luciano poderia pôr em pratica os seus aturados estudos d'economista das duzias, considerado pelo erudito senhor Carlos Bento da Silva.

O senhor de Valbom brigou com os progressistas, e Luciano fez uma guerra desbragada aos mesmos progressistas, no seu jornal da rua nova da Trindade.

Que foi, se não a *diplomacia do senso real das coisas* que obrigou o illustre economista a proceder assim?

Quando faz agora um anno fui a Lisboa, tratar da politica cá d'este cantinho do nosso Portugal, ouvi dizer ao mesmo senhor Luciano, que elle era um dos candidatos a deputado. Admirei-me que elle escolhesse tão má occasião para ir sujeitar os seus provados talentos a um governo que calcara aos pés a liberdade; mas occorreu-me logo a tal *diplomacia do senso real das coisas*, sua divisa, que sempre lhe aconselharia a que o governo regenerador lhe daria algumas meias nos muitos syndicatos que elaborava.

Foi ainda a tal diplomacia que o fez de novo regenerador, e talvez o maior defensor de todas as medidas espoliadoras do actual governo, com as quaes engor-

dam todos os defensores d'elle, em quanto o povo emagrece.

E lamenta o nosso amigo que homens d'estes fujam!

Homens d'estes só servem para si; e devia lamentar-se, se elles tivessem a finura de se descobrirem tarde, quando muitos males tivessem acarretado á nação.

Ora digam-me: não seria ainda a *diplomacia do senso real das coisas*, que obrigaria o senhor Luciano Cordeiro, a dar um coice no cadaver do illustre Garibaldi?

A manifestação do senhor Elias Garcia, associou-se o senhor deputado Fuschini, como que para dar á proposta um relevo monarchico democrata; seguindo, talvez, o exemplo das camaras italianas, cuja maioria não pode comparar-se ao republicanismo de que se acham *evadas* as camaras francezas. Foi um bonito passo este do senhor Fuschini, que seguido pelos seus collegas inconscientes, salvaria a honra do parlamento portuguez. A maior parte, porém, dos Lucianos que o povo poz na assembléa de S. Bento para consentirem pue nos roubem, se é que elles proprios nos não roubam tambem — porque os syndicatos sommam já muita centena de contos regeitam a emenda Fuschini; e ainda a *diplomacia do senso real das coisas* aconselha o mesmo Luciano Cordeiro a que vá passear para os corredores da camara, em quanto se votava uma proposta para que elle pedira o adiamento.

E ainda ha quem lamente que este senhor se não conserve no primitivo postol! Isso é que eu admiro.

Eu desejava que homens honrados como o meu illustre amigo e senhor Theophilo Braga se não entretivesse com estes typos, misturando-lhe os feitos d'uma politica depravada com os estudos graves que o illustre mestre faz da nossa historia contemporanea. A critica a essa qualidade de gente pertence de direito a outros não menos honrados do que o senhor Theophilo Braga, mas que possuam a veia de Juvenal, misturada d'uns traços a lapis, coisa mais barata, do caricaturista portuguez.

GOMES PERCHEIRO.

CHRONICA

El-rei, nosso senhor, anda em digressão pelas provincias do norte. O povo, segundo o costume, vae pagando para a grande bambochata monarchico-constitucional.

E eis aqui a nossa situação! a nossa politica! a nossa dignidade!...

El-rei, nosso senhor, de accôrdo com o sr. Fontes, seu valido e depois de ter tributado os generos de primeira necessidade; depois de ter feito approvar a indecorosa negociata de Torres; depois de ter imposto brutalmente ao paiz a infa-

missima tratada de Salamanca, entendeu que o melhor, para conservar ainda por alguns annos o seu throno vacillante, era mostrar-se ao seu povo, fingindo-se popular — á custa dos dinheiros do syndicato, já se vê.

E partiu...

Ao passar nas estações as gentes da côrte levantaram vivas, que não foram correspondidos. Em muitos pontos ecoaram porém, os *Vivas á republica*.

E' que o povo não pede festas, pede pão. E, quando o caso e de subsistencia, pensa-se n'um governo, que nos garanta os meios de viver honestamente, não se applaudem os governos immoraes, dissipadores e indignos, como o são todos os governos monarchicos.

E' por isso que, se as autoridades administrativas applaudiam o seu patrão, amo e senhor, que lhes paga, o povo, pelo contrario, applaude os que olham pelo seu bem-estar e pelo seu futuro.

Saudemos tambem a republica, como a principal garantia da soberania nacional.

A' parte este contraste formidavel — nada mais nos offerece de notavel a viagem do senhor D. Luiz de Bragança.

E quem sabe se sua magestade anda a despedir-se dos seus subditos?

N'estes tempos tudo e possivel. Decididamente a época não vae azada para as *testas coroadas*.

E' varia a sorte no mundo; e ninguem nos assegura que sua magestade tenha o seu throno garantido.

Ora pois: que elle viaje — que viaje muito e que se despeça por uma vez.

CABRION.

SUBSCRIPÇÃO

Continua aberta pela *Galeria Republicana* a favor dos 61 estudantes da Escola medico-cirurgica, pronunciados por terem apresentado um requerimento ao ministro do reino, pedindo exame de sanidade ao sr. conselheiro Arrobas, então governador civil.

Producto até hoje 10\$660
Continua.

Os nomes dos subscriptores serão publicados no *Seculo*.

No proximo numero daremos o retrato do sr. Consiglièri Pedroso.